

Inclusão e Educação 2

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-030-8

DOI 10.22533/at.ed.308191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Língua Brasileira de Sinais. 5. Braille
(Sistema de escrita). I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaína.
III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, com 19 capítulos, apresentam estudos sobre Pessoas Cegas, Sistema Braille, Pessoas Surdas, Sistema de LIBRAS e as novas tecnologias aplicadas na educação para estimular e auxiliar o processo de ensino e aprendizagem desse público.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Porém, somente em 2001 com a Resolução n2 e o Parecer n9 que se evidencia como esse processo de inclusão educacional de pessoas com deficiência deve ser feito, fomentando uma comoção em todos as esferas educacionais como o currículo escolar, formação de docentes e didática de ensino.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume II é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência visual (cego) e deficiência auditiva (surdo) trazendo artigos que abordam: experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde as séries iniciais até a o ensino universitário que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente cego ou surdo.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a pratica da educação inclusiva ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO DOS CEGOS SOBRE O ENSINO DO SISTEMA BRAILLE NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS	
<i>Eliane Maria Dias</i>	
<i>Francileide Batista de Almeida Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915011	
CAPÍTULO 2	13
BAIXA VISÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NA “AMPLIAÇÃO” DOS SABERES	
<i>Eurides Bom im de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915012	
CAPÍTULO 3	23
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS DIANTE DE ALUNOS CEGOS NA UNIVERSIDADE	
<i>Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins</i>	
<i>Luzia Guacira dos Santos Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915013	
CAPÍTULO 4	34
O ENSINO DE BIOLOGIA PARA DEFICIENTES VISUAIS DO INSTITUTO DOS CEGOS DE CAMPINA GRANDE: EXPLICANDO EMBRIOLOGIA HUMANA COM A VOZ, ARGILA E AS MÃOS	
<i>Álisson Emmanuel Franco Alves</i>	
<i>Jessica Maria Florencio de Oliveira</i>	
<i>Mayla Aracelli Araujo Dantas</i>	
<i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915014	
CAPÍTULO 5	46
EMPRESTA SUA VOZ? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA	
<i>Martha Milene Fontenelle Carvalho</i>	
<i>George Pimentel Fernandes</i>	
<i>Maria José Chaves</i>	
<i>Ana Patrícia Silveira</i>	
<i>Luiza Valdevino Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915015	
CAPÍTULO 6	54
O OLHAR DO OUTRO SOBRE A DIFERENÇA SURDA: REPRESENTAÇÃO SOBRE OS SURDOS E A SURDEZ	
<i>Francisco Uélison da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915016	
CAPÍTULO 7	65
ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS	
<i>Francyllayans Karla da Silva Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915017	

CAPÍTULO 8 72

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wilma Pastor de Andrade Sousa

Antonio Carlos Cardoso

Keyla Maria Santana da Silva

Lindilene Maria de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3081915018

CAPÍTULO 9 80

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NA ESCOLA REGULAR

Vanessa Nicolau Freitas dos Santos

Andreza Cristina Santos de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.3081915019

CAPÍTULO 10 90

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA: AVANÇOS E DESAFIOS

Giovana Parente Negrão

Allan Rocha Damasceno

DOI 10.22533/at.ed.30819150110

CAPÍTULO 11 104

O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO SISTEMA EDUCACIONAL DE TERESINA – PIAUÍ

Ana Cristina de Assunção Xavier Ferreira

Camélia Sheila Soares Borges Araújo

DOI 10.22533/at.ed.30819150111

CAPÍTULO 12 119

O ENSINO HÍBRIDO COMO ALTERNATIVA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

Rejane do Nascimento da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150112

CAPÍTULO 13 125

A CONTAÇÃO, OS OUVINTES E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: INTERFACES DE UM ENSAIO INCLUSIVO

Martha Milene Fontenelle Carvalho

Francileide Batista de Almeida Vieira

DOI 10.22533/at.ed.30819150113

CAPÍTULO 14 134

FERRAMENTAS DE INCLUSÃO PARA O ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE DIAGRAMAS DE DISTRIBUIÇÃO ELETRÔNICA PARA ALUNOS CEGOS E SURDOS

Laís Perpetuo Perovano

Amanda Bobbio Pontara

Ana Nery Furlan Mendes

DOI 10.22533/at.ed.30819150114

CAPÍTULO 15 145

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150115

CAPÍTULO 16 157

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Márcia Verônica Costa Miranda

Ruan dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150116

CAPÍTULO 17 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO SUPERIOR INCLUSIVA

Josenilde Oliveira Pereira

Thelma Helena Costa Chahini

DOI 10.22533/at.ed.30819150117

CAPÍTULO 18 180

LÍNGUA DE SINAIS E IMPLANTE COCLEAR: O PONTO DE VISTA DE PESQUISADORES

Ana Cláudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150118

CAPÍTULO 19 188

EDUCAÇÃO SOMÁTICA COMO PERSPECTIVA INCLUSIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Fábio Soares da Costa

Janete de Páscoa Rodrigues

Ana Carolina Brandão Verissimo

Andreia Mendes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30819150119

SOBRE AS ORGANIZADORAS 203

A CONTAÇÃO, OS OUVINTES E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: INTERFACES DE UM ENSAIO INCLUSIVO

Martha Milene Fontenelle Carvalho

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Pau dos Ferros- RN

Francileide Batista de Almeida Vieira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Caicó - RN

RESUMO: O presente trabalho relata a nossa experiência como pesquisadora, contadora de história e professora no Atendimento Educacional Especializado com o projeto “Conto e Encanto Inclusivo”. Por meio deste artigo, temos a intenção de publicizar a referida experiênciavivenciada, queconsistenacontação de histórias e no ensino da Língua Brasileira de Sinais, para alunos do 2º ano do ensino fundamental, de uma escola regular localizada na cidade de Crato-CE. A turma é constituída de 18 alunos ouvintes e conta com uma aluna com surdez. Objetivamos compreender de que modo a experiência com o projeto pode auxiliar nos processos de aprendizagem e desenvolvimento de alunos surdos e ouvintes, bem como para a efetivação da educação inclusiva. Para fundamentar nossas reflexões sobre a inclusão da pessoa com surdez no contexto inclusivo e sobre a contação de histórias, utilizamos autores, tais como Botelho (1998), Guarinello (2007)Machado (2008)Quadros (1997),

Skliar(1998), Damázio (2007), Mantoan (2005), Mittler (2003), Sasaki (2003), Vieira (2012), Dohme (2000), Mantovani (2006) e Sisto (2001). O desenvolvimento da experiência nos fez compreender que a contação de história e o ensino de libras para alunos ouvintes e com surdez, simultaneamente, auxilia no desenvolvimento desses alunos, em relação à socialização, independência, linguagem e autonomia. Concluímos que a experiência referenciada, mesmo sendo uma ação simples, promoveu melhor interação entre todos os alunos, maior motivação pelos estudos pelo contato com a literatura e, assim, auxiliou no processo de permanência da aluna com surdez, favorecendo a sua inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Contação. Surdez.

ABSTRACT: The present work reports our experience as a researcher, storyteller and teacher in the Specialized Educational Service with the project “Tale and Inclusive Charm”. Through this article, we intend to publicize this experience, which consists of storytelling and the teaching of the Brazilian Sign Language, for students in the 2nd year of primary education, a regular school located in the city of Crato-CE . The class consists of 18 hearing students and has a student with deafness. We aim to understand how the experience with the project

can help in the learning and development processes of deaf and hearing students, as well as in the implementation of inclusive education. In order to base our reflections on the inclusion of deaf people in the inclusive context and on storytelling, we use authors such as Botelho (1998), Guarinello (2007) Machado (2008) Quadros (1997), Skliar (1998), Damázio (2007), Mantoan (2005), Mittler (2003), Sasaki (2003), Vieira (2012), Dohme (2000), Mantovani (2006) and Sisto (2001). The development of experience has made us understand that storytelling and pound teaching for hearing and deaf students simultaneously helps in the development of these students in relation to socialization, independence, language and autonomy. We conclude that the referenced experience, even though it was a simple action, promoted a better interaction among all the students, a greater motivation for the studies through contact with the literature and, thus, aided in the students' stay process with deafness, favoring their inclusion.

KEYWORDS: Inclusion. Contação. Deafness.

1 | INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com surdez no contexto educacional requer, ainda, adequações e mudanças nas práticas pedagógicas, incluindo a promoção para aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como sendo a primeira língua da pessoa com surdez. Nesse contexto, a realidade presente de alunos com surdez, matriculados em escolas comuns, ainda é permeada por grandes desafios, sendo certo afirmar que se configura em um cotidiano envolto de dificuldades relacionadas à comunicação, já que nem todos dominam a Libras.

Por essas questões, nós educadores, temos o dever de desenvolver na nossa atuação profissional, alternativas possíveis na busca de tentar superar essas barreiras presentes entre os diálogos e relações interpessoais, que encontramos em todos os espaços sociais, inclusive nas instituições educacionais.

O presente estudo tem como intuito publicizar uma experiência vivenciada através de um projeto denominado “Conto e Encanto Inclusivo”, envolvendo contação de histórias e o ensino da Língua Brasileira de Sinais, para alunos do 2º ano do ensino fundamental de uma escola regular na cidade de Crato-CE, formada por dezoito ouvintes e uma aluna com surdez. Objetivamos compreender de que modo a realização da experiência com o projeto poderá auxiliar na aprendizagem e desenvolvimento de alunos surdos e ouvintes bem como para a efetivação da educação inclusiva.

Acreditamos que as experiências inovadoras traduzem o enriquecimento do professor pesquisador. Assim, a ideia de desenvolver esta pesquisa no campo de educação especial numa perspectiva inclusiva, se deu através da vivência atual como docente na área, trabalhando com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), na cidade de Crato-CE, atendendo alunos com diferentes deficiências, tais como: Intelectual, Física, Visual, Transtorno do Espectro Autista e pessoa com Surdez. A Sala de Recursos Multifuncionais em que a experiência foi realizada está na Zona

Rural da cidade de Crato-CE.

Consideramos que o professor atuante na Sala de Recursos Multifuncionais deve buscar alternativas que venham atender às particularidades e necessidades de cada aluno, buscando incluí-los, de forma efetiva, em todos os espaços. Pensando nessa perspectiva, elaboramos e desenvolvemos o projeto já mencionado, buscando promover a inclusão escolar, como também disseminar a aquisição de uma nova Língua, a Língua Brasileira de Sinais.

Assim, o presente artigo está organizado da seguinte forma: fundamentação teórica, onde discutiremos os referenciais escolhidos enfatizando a contação de histórias e a perspectiva educacional inclusiva; a metodologia, em que apresentaremos os passos metodológicos utilizados; resultados, em que discutimos as informações construídas e algumas análises, além das intervenções; e conclusões sobre a referida experiência.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É certo que as pessoas com algum tipo de deficiência já enfrentaram várias lutas e preconceitos ao longo do tempo, sendo que alguns perduram até os dias atuais, mas na atualidade já podemos vislumbrar alguns avanços. A declaração Universal dos Direitos humanos (DUDH 1948), a Constituição Federal (BRASIL, 1988), a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1997), a convenção da Guatemala (1999), a Declaração de Montreal sobre inclusão (2001), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), são exemplos que expressam os direitos legais e de progressos que vieram reforçar os direitos das pessoas com deficiência. De acordo com a Declaração de Salamanca,

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (BRASIL, 1997, p. 03).

A pessoa com surdez constitui-se parte integrante desse movimento de lutas. Sabemos que, no Brasil, a educação direcionada à pessoa com surdez iniciou com a vinda do francês Harnest Huet, tendo uma conquista mais evidente no ano de 1857, quando foi fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES).

Num momento mais recente, um ganho significativo para os surdos foi a aprovação da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), reconhecendo a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação legal e garantindo o seu

ensino aos alunos surdos. Vale ressaltar, ainda, o Decreto 5626/05 (BRASIL, 2005), regulamentando a Lei anteriormente mencionada, que aborda aspectos relevantes envolvendo a inclusão da Libras como componente curricular, o acesso de pessoas surdez à educação, a formação do professor, bem como do intérprete de Libras, trazendo, assim, garantias e direitos para pessoa surda, fortalecendo a inclusão em todos os espaços.

Além das leis que regem os direitos da pessoa com surdez, podemos ainda destacar a importância de buscar alternativas possíveis para uma educação de qualidade em nosso cotidiano escolar. Consideramos que modificações são necessárias nas práticas pedagógicas, que ainda trabalham sobre um olhar homogeneizador, não explorando a capacidade de cada indivíduo. Sobre isto, Damázio (2007, p. 14) ressalta que:

Mais do que a utilização de uma língua, os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento, explorem suas capacidades, em todos os sentidos. Se somente o uso de uma língua bastasse para aprender, as pessoas ouvintes não teriam problemas de aproveitamento escolar, já que entram na escola com uma língua oral desenvolvida.

Destacamos a relevância de disseminar a Língua Brasileira de Sinais no contexto escolar, acreditando que, no mínimo, o aluno deve possuir o direito de comunicação com os demais compartilhados em um mesmo espaço. Nesse sentido, mencionamos as ideias de Lopes, quando diz que

O envolvimento diário do surdo com aulas, filas, silêncios, avaliações e terapias marcam as relações hierárquicas estabelecidas em seu cotidiano escolar regulador. Estas relações desiguais subjogam os surdos a viverem em uma cultura subalterna, que vem sobrevivendo durante a história camuflada nos corredores das escolas, no pátio, nos banheiros riscados, nas próteses auditivas perdidas ou quebradas, no movimentar das mãos em sinais etc. Todas essas informações de poder marcam, através da resistência, a cultura surda (LOPES, 1998, p. 112-113).

Nessa perspectiva inclusiva para a pessoa com surdez, ressaltamos mais uma vez o relevante trabalho desenvolvido no Atendimento Educacional Especializado – AEE, que procura transformar o ensino em uma construção de saberes, atendendo às necessidades individuais de cada educando incluso no ambiente escolar.

O AEE é um serviço que identifica, elabora, e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, para eliminar as barreiras e possibilitar a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas (BRASIL, 2008).

Devemos refletir, portanto, se professores do AEE estão realizando em suas práticas de atuações, ações que promovem realmente a inclusão de cada aluno, auxiliando nesse processo inclusivo, dentre os quais o aluno com surdez. Por vezes, o aluno é apenas integrado no ambiente escolar, sendo privado de desfrutar o direito de expressar-se através da sua língua para se comunicar, tendo que se adequar à realidade defasada de uma escola que não promove a comunicação entre alunos,

funcionários, ou professores.

Destacamos o auxílio da contação de história nesse processo inclusivo, que desempenha um papel na inclusão social e cultural da pessoa com surdez, como uma ferramenta artística que promove o desenvolvimento da imaginação e da criatividade para alunos surdos e ouvintes.

A história, por si só, acalma, aquieta, provoca a atenciosidade, estimula a observação, socializa, informa e educa. [...] Contando histórias é possível: estimular o prazer pela leitura; viajar; percorrer tempos diversos; despertar valores e regras da ética da humanidade; apresentar a harmonia inexistente no planeta; desenhar cenários mentalmente; elaborar personagens; vivenciar emoções tais como segurança/medo, amor/ódio, ganho/perda, prazer/dor, certeza/dúvida, alegria/tristeza, calma/ansiedade, felicidade/ angústia; ver diferenças de forma natural; visualizar dificuldades; correlacionar as histórias à vida; sensibilizar para com o ritmo e a sonoridade contida nas frases; enriquecer o vocabulário; desenvolver a criticidade; conhecer autores e textos (MANTOVANI, 2006, p. 148).

Assim, é necessário nos fundamentarmos em aportes teóricos que divulgam a necessidade emergente da inclusão. Nesse contexto, buscamos conhecer e analisar alguns aspectos que envolvem este trabalho. Assim nos apoiamos nos estudos de Botelho (1998), para compreender a linguagem e o letramento na educação dos surdos; em Guarinello (2007), destacando o outro no contexto de sujeitos surdos; em Machado (2008), evidenciando a política educacional de integração/inclusão da pessoa com surdez; e Quadros (1997 e 2008), que discute o estudo da pessoa com surdez, Skliar (1998), que aborda a linguagem e a mediação para educação da pessoa surda. Consideramos que todos esses aspectos são relevantes para aprimorar a análise dessa experiência que envolve a organização de espaços inclusivos voltados para pessoa com surdez.

No tocante à Educação Especial, numa perspectiva inclusiva, utilizamos como aporte teórico Damázio (2007), Mantoan (2005), Mittler (2003), Sasaki (2003) e Vieira (2012), que, além de estudos na área inclusiva, abordam a relevância de desenvolver em nossa atuação docente, estratégias criativas, reconhecendo como necessárias em vários campos de atuação. Para destacar a relevância a arte da contação de histórias, utilizamos Dohme (2000), Mantovani (2006), Sisto (2001), sendo autores que nos despertam para a arte da contação de história.

3 | METODOLOGIA

Em nossa atuação docente, exercendo a função de professora da educação especial e desenvolvendo as nossas atividades profissionais na Sala de Recursos Multifuncionais, identificamos a necessidade de desenvolver atividades mais inovadoras, que envolvessem os nossos alunos de forma que eles se sentissem

melhor incluídos na instituição.

Assim, sentimos a necessidade de uma prática mais reflexiva e do desenvolvimento de uma postura investigativa para podermos fazer um trabalho capaz de transformar o nosso contexto de atuação, acrescentando nossos conhecimentos, a partir de vivências inclusivas e de experiências como docente na modalidade de Educação Especial. Embora não tenhamos desenvolvido propriamente uma pesquisa, embasamos a nossa proposta no modelo de Pesquisa ação, definida por Thiollent (2000, p.14) como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A instituição escolhida para realização da pesquisa foi uma escola que se encontra situada a cinco quilômetros da sede do município de Crato/CE. Participaram desta experiência dezoito alunos matriculados regularmente no segundo (2º) ano do ensino fundamental, uma aluna com surdez; duas (2) professoras e uma intérprete atuante na sala regular, que atende a aluna com surdez.

O projeto que decidimos desenvolver consistiu na contação de histórias, que era uma forma dos alunos terem acesso à literatura na sala de aula. Além disso, a inovação consistia no fato da contação envolver a Libras, que favorecia a interação entre a aluna com surdez e os colegas ouvintes. Para o desenvolvimento do referido projeto e para a aquisição da LIBRAS, utilizamos um material que subsidiou nossa prática, que foi: dez livros da coleção contos clássicos em Libras, data show, vídeos em libras que acompanham as histórias. Além do fato da coleção utilizada apresentar todos os sinais da narrativa com imagens em libras, ilustrando cada narrativa, utilizamos atividades em Libras que exercitam os sinais compreendidos durante a história.

A experiência foi realizada na referida escola entre os anos de 2014 e 2015, quando identificamos a necessidade de disseminar a Língua Brasileira de Sinais, já que os alunos e professoras não se comunicavam com a aluna por falta de aquisição da Linguagem. Os encontros foram realizados mensalmente, na Sala de Recursos Multifuncionais da referida escola.

Realizamos vários registros sobre a experiência, anotando informações relacionadas ao desempenho dos alunos para depois analisarmos de que modo esse trabalho impactou no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e na melhoria da inclusão da aluna com surdez. Esperamos, com o relato da nossa experiência, contribuir para que as práticas pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado sejam ampliadas e modifiquem o contexto de exclusão ainda presente em muitas escolas.

4 | RESULTADOS

A experiência consistiu em contar histórias, caracterizada, dos mais diversos gêneros, buscando desenvolver nos alunos do ensino regular ouvintes e alunos com surdez, o domínio para comunicação e aquisição da Língua Brasileira de Sinais, além de auxiliar na socialização entre os alunos. Esse trabalho respalda-se na compreensão de que a “[...] comunicação entre pessoas é bem mais abrangente do que podemos expressar por meio da fala. O ser humano possui recursos verbais e não-verbais que na interação interpessoal se misturam e se completam” (MANZINI, 2006, p. 03).

Durante as sessões de contação de história nos caracterizamos e interpretamos personagens das histórias contadas. As contações de história eram realizadas de modo oral e através da língua natural da aluna surda, a Libras, envolvendo alunos ouvintes, a aluna surda e as professoras. A intérprete e a aluna surda, que já conheciam a Libras, participavam auxiliando na disseminação dos sinais. Após o momento de contação, os alunos realizam uma atividade compreendendo os sinais aprendidos de acordo com a contação de história do dia.

Concluimos, após a experiência, que, inicialmente, a maioria dos alunos não dominava a Libras, e por isso, a aluna surda não se comunicava utilizando a sua Língua materna, utilizando apenas gestos e mímicas. Com o passar dos encontros e com a continuidade do trabalho desenvolvido no AEE percebemos que a ampliação da comunicação entre a aluna surda e os colegas, utilizando a Língua Brasileira de Sinais.

5 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A experiência referenciada nos trouxe a compreensão de que ações simples voltadas para promoção da perspectiva inclusiva podem auxiliar no processo de permanência de alunos com deficiência, incluindo a surdez, transpondo muros da escola, auxiliando na vivência social.

Nessa perspectiva, compreendemos a ação docente no Atendimento Educacional Especializado como sendo de grande relevância, já que através do trabalho, o professor poderá mover ações que possibilitam a inclusão em todo contexto escolar.

Ao desenvolvermos experiências inclusivas, estamos proporcionando um maior envolvimento e amadurecimento dos participantes, incluindo aqui as crianças, com ou sem deficiência, educadores, profissionais da instituição e familiares envolvidos direta ou indiretamente nesse processo.

Consideramos que muitas escolas ainda trabalham em situações estáticas, nada promovendo de significativo para que a escola possa torna-se inclusiva. É preciso deixar de apenas integrar alunos, seja qual for a deficiência, e passar a realizar a inclusão de todos, sem nenhum tipo de distinção.

O desenvolvimento da experiência ora relatada possibilitou a compreensão de que a contação de história e o ensino de libras para alunos ouvintes e com surdez, simultaneamente, auxilia no desenvolvimento desses alunos, em relação à socialização, independência, linguagem e autonomia. Assim, concluímos que o projeto por nós desenvolvido no atendimento educacional especializado promoveu uma melhor interação entre todos os alunos, maior motivação pelos estudos pelo contato com a literatura e, assim, auxiliou no processo de permanência da aluna com surdez, favorecendo a sua inclusão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamentada a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação**. Sobre necessidades educativas especiais. 2. ed. Brasília: CORDE, 1997.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002.

BRASIL. Senado Federal. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez**. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. 3. ed. São Paulo: Informal, 2000.

GUARINELLO, A.C. **O papel do outro no contexto de sujeitos surdos**. São Paulo: Editora Plexus, 2007.

LOPES, Maura Corcini. Relações de poder no espaço multicultural da escola para surdos. In: SKLIAR, Carlos. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre. Mediação, 1998.

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão**: um olhar do egresso surdo. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

MANTOVANI, R. L. **Contar histórias**: técnica e performance. In: Anais do IV Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Memória ABRACE X). Rio de Janeiro, 2006.

MANZINI, Eduardo José. **Portal de ajudas técnicas: recursos para comunicação alternativa**. Brasília: MEC/ SEESP, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas_tec.pdf. Acesso em 7 de dezembro de 2014.

MANTOAN, M. T. E. A hora da virada. In: MANTOAN, M. T. E. **Revista da Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP. v. 1, n. 1, out. 2005.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Tradução: Windyz Brazão. Porto Alegre: Artmed, 2003.

QUADROS, Ronice. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão construindo uma sociedade para todos**. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SKLIAR, C. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 2000.

VIEIRA, Francileide Batista de Almeida. **Formação, subjetividade e criatividade**: elementos para a construção de uma escola inclusiva. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012. 240p.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-030-8



9 788572 470308